



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

AIDRAIANE FERREIRA DOS SANTOS

ANCIÃS DO CETA E SEUS SABERES TRADICIONAIS

Amargosa – BA

2023

AIDRAIANE FERREIRA DOS SANTOS

ANCIÃS DO CETA E SEUS SABERES TRADICIONAIS

Artigo apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo, Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação do Campo.

Professora Orientadora: Dra. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento

Amargosa - BA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA -
CFP/UFRB

**Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª /
1515**

S237a Santos, Aidraiane Ferreira dos.

Anciãs do Ceta e seus saberes tradicionais. / Aidraiane Ferreira dos Santos. – Amargosa, BA, 2023.

27 fls.; il. color.

Orientadora: Prof. Dr. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento.

Artigo (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA. 2023.

Bibliografia: p. 26 - 27.

1. Educação do Campo. 2. Educação – finalidades e objetivos. 3. Práticas de ensino. I. Nascimento, Priscila Brasileiro Silva do. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD – 379

AIDRAIANE FERREIRA DOS SANTOS

ANCIÃS DO CETA E SEUS SABERES TRADICIONAIS

Artigo e Documentário apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Educação do Campo, sob orientação da professora Doutora Priscila Brasileiro.

Aprovado em: 28/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Profa. Dra. Silvana Lúcia da Silva Lima
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Profa. Dra. Ana Paula Inacio Diório
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Anciãs do CETA e seus Saberes Tradicionais” foi desenvolvido na linha de pesquisa Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais do Campo e Educação do Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Esta pesquisa surgiu a partir de um olhar mais aprofundado sobre os saberes das mulheres mais velha, e teve como objetivo geral poder compreender os saberes, fazeres e protagonismo das mulheres mais velhas da Sub-Regional Jacobina do Movimento Estadual dos Trabalhadores Acampados, Assentados e Quilombola (CETA). Neste sentido, foram realizadas rodas de conversa, visitas às comunidades para compreender essas relações de saber e fazer e de gênero dentro dos assentamentos onde foi realizada a pesquisa. Este trabalho foi realizado em parceria com o Movimento CETA e as associações comunitárias dos assentamentos, pois foi de suma importância esta construção coletiva do resgate dos saberes e dos debates realizados para que haja um olhar diferenciado para essas anciãs. Também foi abordada e defendida a valorização da participação das mulheres mais velhas nos espaços de tomadas de decisões e como guardiãs de saberes dentro dos assentamentos. A metodologia desenvolvida foi a abordagem qualitativa, a partir da pesquisa-ação, pesquisa de campo, um questionário foi desenvolvido, visitas às moradoras mais velhas da comunidade para levantamento de dados e preparação para o documentário e encontros de mulheres e, por fim, pesquisa bibliográficas.

Palavras-chave: Assentamentos. Mulheres. Saberes Tradicionais.

ABSTRACT

The present work entitled "Elders of CETA and their Traditional Knowledge" was developed in the research line Agroecology, Work, Social Movements of the Countryside and Education of the Professional Master's Degree in Rural Education of the Recôncavo da Bahia Federal University, this research arose from a more in-depth look at the knowledge of older women, and its general objective was to be able to understand the knowledge, practices and protagonism of the older women from Jacobina Sub Regional of the State Movement of Camped, Settled and Quilombola Workers (CETA). In this sense, conversation circles were carried out, visits to the communities to understand this knowledge and doing relations and gender within the settlements where the research was carried out. This work was developed in partnership with the CETA movement and the community associations of the settlements, as this collective rescue of knowledge and debates construction carried out was of great importance so that there is a different look at these elders. It was also addressed and defended the valorization of the older women's participation in decision-making spaces and as guardians of knowledge within the settlements. The methodology developed was the qualitative approach, from action research, field research, a questionnaire was developed, visits to the older residents of the community for data collection and preparation for the documentary and women's meetings and, finally, the bibliographic research.

Keywords: Settlements. Women. Traditional Knowledge.

Sumário

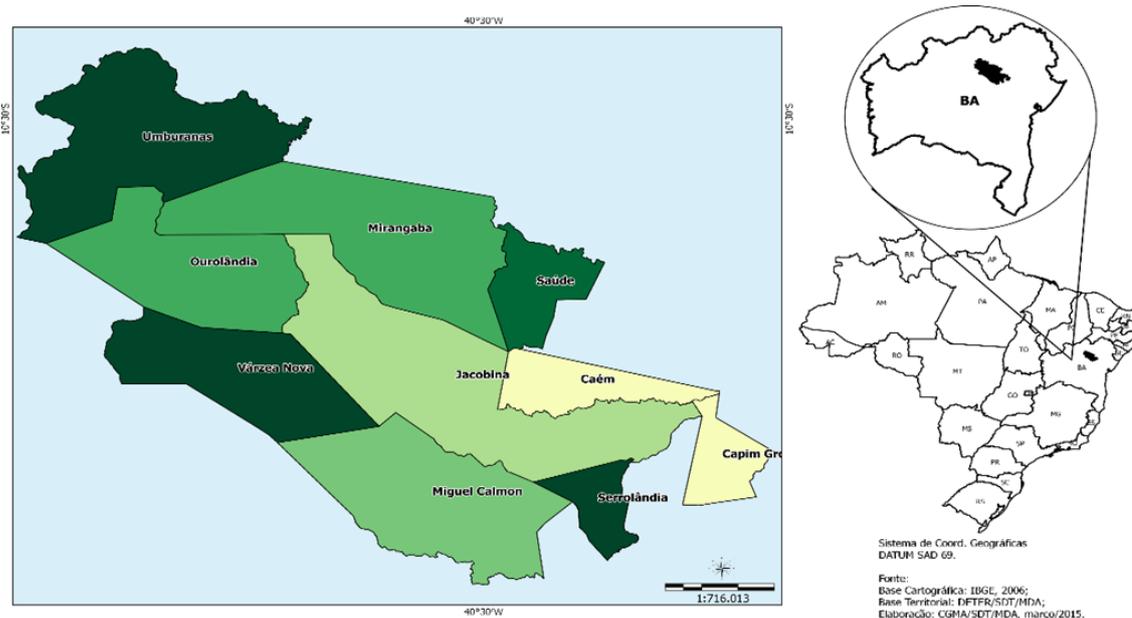
1. INTRODUÇÃO	8
2. SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES DA SUB-REGIONAL JACOBINA/OUROLÂNDIA	12
3. SISTEMATIZAÇÃO DOS ENCONTROS REALIZADOS COM AS MULHERES CAMPONESAS COM A TEMÁTICA “IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE”	16
3.1 O primeiro Encontro com objetivo da pesquisa	16
3.2 Espécies levantadas nos quintais e roças das mulheres	23
4. DOCUMENTÁRIO “ANCIÃS DO CETA E SEUS SABERES TRADICIONAIS”	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de compreender os saberes, fazeres e protagonismo das mulheres mais velhas, através da educação popular para a manutenção do conhecimento tradicional e ancestral dessas anciãs da Sub-Regional Jacobina do Movimento Estadual dos Trabalhadores Acampados, Assentados e Quilombola (CETA) na luta pela terra. Para tanto, esta pesquisa foi realizada nos assentamentos e acampamentos do movimento CETA localizados no Território de Identidade do Piemonte da Diamantina nos municípios de Jacobina e Ourolândia. Como produto final do mestrado profissional em Educação do Campo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, vinculado à linha de pesquisa Agroecologia, Trabalho e Movimentos Sociais, a partir dos resultados da pesquisa, produzimos um documentário em que apresentamos os saberes ancestrais das anciãs do Movimento CETA. Dessa forma, o presente artigo foi elaborado para explicar a realização da pesquisa até a concretização do documentário.

O Território Rural Piemonte da Diamantina - BA está localizado na região Nordeste e é composto por 10 municípios: Caém, Capim Grosso, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ourolândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova, e abrange uma área de 11.660,41Km². A figura 1 mostra a demarcação territorial do Território Piemonte da Diamantina.

Figura 1 - Mapa do Território Piemonte da Diamantina



Fonte: CGMA/SDT/MDA, 2015

Neste território os/as agricultores/as têm a sua renda proveniente da produção de culturas temporárias como hortaliças, milho, feijão, mandioca, melancia, sisal, mamona, cultivos de sequeiro e pequenas áreas de irrigação através de poços tubulares/artesianos, também criação de animais de pequeno e grande porte.

O objetivo da minha pesquisa ao entrar no mestrado era analisar a participação das mulheres camponesas na produção agroecológica do Assentamento Lagoa de Dentro I e II, sendo um seguimento da minha pesquisa da graduação em Tecnólogo em Agroecologia, porém, no decorrer das disciplinas estudadas no Mestrado Profissional em Educação do Campo, bem como as leituras teóricas e problematizações decorrentes neste espaço, senti o desejo e a necessidade de estudar as mulheres mais velhas dos assentamentos por dois motivos. O primeiro foi durante a disciplina de Estudos Feministas e a Educação de Campo, que me despertou para situações que vivi e situações que venho vivenciando ao longo dos 13 anos de militante do Movimento CETA, no entanto nunca despertei um olhar mais profundo para tais situações. O segundo motivo foi a vivência mais presente nas áreas de assentamento dos municípios de Jacobina e de Ouroândia onde estive atuando como Agente Comunitária Rural (ACR) pelo Projeto Pró Semiárido.

A vida no assentamento e no movimento me proporcionou conhecer muitos lugares e pessoas, entre essas pessoas, mulheres fortes de luta que carregam um saber imenso, um conhecimento profundo que vem sendo repassado através de suas ancestrais. Assim, conhecê-las foi algo maravilhoso, e com o projeto pude estar mais próxima nas visitas semanais a cada comunidade. Através dessas idas às comunidades pude perceber a invisibilidade de sua importância no campo, mesmo com tantas pesquisas e sendo pessoas de referência quando se trata de cuidados naturais aos arredores.

Dentro dessas comunidades, os seus saberes e trabalho não são valorizados. Por exemplo, toda área de assentamento tem sua organização interna onde se faz assembleia mensalmente, sendo que é uma atividade para todos os moradores da comunidade, porém os homens são os que mais participam, tirando assim a visibilidade das suas companheiras, que pouco participam desses e de outros momentos. Diante disso, é importante refletirmos sobre a igualdade de gênero também no espaço do assentamento, pois, conforme Mesquita (2012, p. 4):

A igualdade de gênero é importante como instrumento de desenvolvimento, visto que ela pode aumentar a eficiência econômica e melhorar outros resultados de desenvolvimento removendo barreiras que impedem as mulheres de terem o mesmo acesso que os homens têm à educação, oportunidades econômicas e insumos produtivos podem gerar enormes ganhos de produtividade (ganhos essenciais em um mundo mais competitivo e globalizado); melhorando a condição absoluta e relativa das mulheres que introduz muitos outros resultados de desenvolvimento, inclusive para seus filhos; e nivelando as condições de competitividade, em que mulheres e homens têm chances iguais para se tornar social e politicamente ativos, tomar decisões e formular políticas.

A vida de uma mulher, sendo ela do campo ou da cidade, é cheia de tarefas que tomam todo o seu dia e que só terminam, de fato, à noite quando se deita para dormir. Por diversas vezes a resposta dada por todas elas ao longo dos anos é que não foi para a assembleia porque estava cuidando em casa ou na roça, trabalho que elas entendem que é unicamente de sua obrigação e tem que ser desenvolvido apenas por elas, entendimento esse que é reforçado pelos companheiros. Os seus saberes se misturam com seus afazeres do lar.

As atividades desenvolvidas pelas mulheres são variadas e, como já foi citado acima, toma todo o seu tempo, levando a mulher a abandonar os estudos e deixando cair no esquecimento os seus sonhos que em muitos casos é concluir o 2º grau. Segundo a pesquisa publicada pela Agência Brasil, o percentual de mulheres analfabetas é maior (19,1%) que o dos homens (18%), mas quando a análise é entre 15 ou mais anos, as mulheres têm taxa menor (6,6%) do que os homens (7%). Segundo o IBGE, entre os mais velhos, o analfabetismo, em grande parte, ocorre por questões demográficas, como o envelhecimento da população (TOKARNIA, 2020).

O interesse pelo tema vem de minha experiência como mulher, negra, militante do Movimento Social CETA, camponesa, mãe de três filhos, assentada de reforma agrária, neta de rezador, que ao perceber essa desvalorização dos saberes dessas mulheres, sentiu o desejo de estar mais próxima e, assim, poder compreender os saberes, fazeres e protagonismo das mulheres mais velhas da Sub-Regional Jacobina do Movimento CETA.

Para tanto, como objetivos específicos iremos analisar a não participação dessas mulheres nas associações que compõem a Sub-Regional; investigar os fatores que ocasionam a invisibilidade das mais velhas na Sub-Regional Jacobina e compreender os fatores que levaram estas mulheres a não frequentarem a escola.

Considerando os objetivos propostos, abordaremos também as questões de gênero e como as mulheres são vistas dentro dos assentamentos e ocupações dessa sub-regional, como elas estão sendo inseridas nos espaços de discussões e como essa relação se dá. No entanto, o foco principal desta pesquisa são os saberes ancestrais das mulheres mais velhas das áreas de assentamento e a invisibilidade destas nos espaços sociais de decisão nos assentamentos, mesmo se tratando de práticas validadas cientificamente pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PNPIC). Tanto as plantas como o conhecimento dessas mulheres, por outros meios já foram comprovadas, mas e *in loco* de estudo? Captaremos através deste documentário os saberes e fazeres das mulheres camponesas, nossas vizinhas, mães, avós, tias que guardam e manifestam lindamente esse conhecimento tradicional de cuidado.

2. SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES DA SUB REGIONAL JACOBINA/OUROLÂNDIA

O uso das plantas medicinais é uma prática desenvolvida pelas mulheres para prevenção e tratamento de doenças. A garantia desses saberes tem sido passado de geração em geração, sendo as mulheres as maiores multiplicadoras desses saberes. Os preparos de chás, infusões, tinturas, lambedores, xaropes e as rezas contra mal olhado, comida que faz mal, espinhela caída, peito aberto, esmorecimento entre outros saberes têm sido repassados dentro das gerações de mulheres nas famílias. Essa prática traz diversas formas de curas.

Udry (2021) apresenta que as plantas medicinais e seus extratos constituíam a maior parte dos medicamentos que provinham do uso tradicional, e pouco se diferenciavam dos remédios utilizados na medicina popular. Ainda segundo o autor, com a chegada da revolução industrial, a indústria começou a utilizar os princípios ativos das plantas e assim a indústria farmacêutica tomou conta do mercado a nível internacional.

Porém, o uso e as formas como as ervas vêm sendo utilizadas desde que a indústria farmacêutica tomou posse das ervas medicinais e patenteou, não foram perdidos e vem sendo repassado. Durante décadas, o conhecimento vem sendo explorado pela classe dominante, pois com o passar dos anos os saberes se aprimora nos preparos e novas formas de curas são descobertas e essas informações vêm sendo roubadas ao longo dos séculos.

A medicina popular é entendida como uma prática cultural realizada em diferentes circunstâncias e espaços (em casa, nos espaços religiosos de cura) e por vários familiares (pais, tios, avós) ou por profissionais populares de cura (benzedeiras, médiuns, raizeiros, ervateiros, parteiras, curandeiras, feiticeiros).

Esses conhecimentos têm sido repassados, garantindo uma tradição secular entre as mulheres que possuem o conhecimento. Na culinária, os pratos preparados por elas têm um sabor diferenciado. O uso de ervas nos preparos e segredos de receitas repassados somente às filhas e netas garantem o segredo dos deliciosos pratos.

As mulheres camponesas possuem saberes deixados pelas suas ancestrais, e vêm desenvolvendo saberes medicinais com a utilização de plantas cultivadas ao redor da casa, os conhecimentos e o desenvolvimento de novos saberes. Na pesquisa, as mulheres citaram que fazem o uso das ervas medicinais para diversos fins: dor de barriga, pressão alta, asma, dor de cabeça, infecções, gripe, tosse, congestão nasal, cortes, ferimentos,

gases presos, infecção urinária. Algumas plantas são utilizadas na culinária, banhos para mal olhado, ramos para rezar, dor de dente e ouvido entre muitas outras coisas, como disse d. Maria Mucunã:

Minha filha, eu mesmo tenho uma farmácia no meu quintal. Quando as meninas adoecem lá na rua, mando logo os maridos vim buscar aqui folhas para fazer o remédio, também mulher mora na cidade, se tu vê as casa nem quintal tem direito, não dá pra plantar nada, aí quando precisa, corre tudo para aqui.

Segundo Nobre (2021), nas famílias e nas comunidades, em sua maioria, as mulheres realizam atividades que proveem as pessoas de alimentos, saúde, bem-estar, afeto, segurança emocional. Esse cuidado é destinado às mulheres, no entanto, todas essas atividades trazidas pela autora são tratadas diante da sociedade como ajuda. Ainda segundo Nobre (2021), o trabalho das mulheres na roça é trabalho, não ajuda. E a economia feminista vai mais além. O serviço da casa não é serviço, é trabalho. E assim, o trabalho de cuidar da família com os tratos das ervas medicinais deveria ser considerado trabalho, assim como os médicos exercem sua função, e ele está trabalhando.

No dicionário da Educação do Campo, segundo Udry (2015), o conhecimento tradicional é entendido como o conhecimento local e exclusivo de determinada cultura, e é a base para tomada decisões, em âmbito local, na agricultura, saúde, alimentação, educação, gestão de recursos naturais e em várias outras atividades nas comunidades rurais. O que caracteriza o conhecimento tradicional é a especificidade de uma cultura ou sociedade, e está enraizado nos relacionamentos, nos rituais, nas práticas comunitárias e nas instituições. É um grande indicador do grau de evolução cultural do homem com seu ambiente, cuja interação produz conhecimento por meio de processos contínuos e dinâmicos.

Para dona Marivalda (Vila Nova), dependendo de qual seja a enfermidade, o preparo pode durar horas ou dias para ficar pronto ou para que a pessoa esteja de fato curada. O tempo tomado destas mulheres ainda, como dito acima, não é contabilizado como trabalho e sim invisível, não se vê o tempo gasto com essas atividades realizadas por elas.

O conhecimento das mulheres em desenvolver através das ervas medicinais a cura para determinada enfermidade e a não necessidade de ir à farmácia comprar um remédio, não tem sido posta em conta com a renda não monetária. O ato de produzir o próprio remédio encontrando uma solução e cura para determinado problema não é visto pela

sociedade em geral como algo de valor. O conhecimento tradicional é invisível aos olhos da sociedade.

Os saberes repassados por gerações para as mulheres são tratados como sagrado, algo que merece o respeito e que precisa ser repassado para alguém para que não morra, não seja esquecido. Esses conhecimentos precisam ser valorizados, e pude perceber na fala de dona Maria a satisfação em falar que as filhas valorizam os seus conhecimentos e que acreditam no seu saber. Como afirmam Tavares *et al.* (2016, p. 121),

As mulheres se sentem fortalecidas e reconhecidas com as experiências desenvolvidas. Desta forma, as ações são um instrumento de empoderamento destas, reconhecendo-as como agentes de transformação, valorizando suas ações, as formas de organização e os saberes tradicionais.

A autora reforça o sentimento de empoderamento das mulheres, ao sentir o reconhecimento do seu trabalho, de seus saberes, da sua luta diária e de toda sua trajetória enquanto mulher. O esquecimento das mulheres mais velhas por parte das comunidades é notório, pois pouco se fala nelas, pouco se lembra que elas estão ali, com sua imensa bagagem. Muitas conseguem ensinar tudo ou quase tudo para suas filhas e quase nada para suas netas, como afirmou dona Vera do assentamento Corte Grande,

Depois desses celular e televisão, os meninos de hoje não querem saber de nada, no meu tempo não tinha essas coisas, o que tinha era a enxada para nós trabalhar. Hoje diz criança não pode trabalhar, por isso que tão tudo aí perdido. Bênção nem se fala! Hoje nem bênção esses meninos sabem o que é. Tudo mudou. Mas ensinei tudo às minhas noras e às minhas vizinhas, porque não tenho filha mulher, só macho, e essas coisa eles não querem saber, não. Diz que é coisa de mulher, já viu?!

Os saberes são passados de mãe para filha. No entanto, pude notar na fala de dona Vera que o conhecimento adquirido por ela ao longo dos anos não é valorizado pelos seus próprios filhos. Mas pude perceber que ela multiplicou o seu saber, não deixando o sentimento machista dos filhos lhe podar ao ser uma multiplicadora de conhecimentos, mesmo vivendo em meio a uma sociedade machista que tem a mulher como símbolo de diminutivo, de incapacidade. Sobre isso, Tavares *et al.* (2016, p. 57) afirmam que “apesar disso, a identificação do papel da mulher na produção de alimentos e nos cuidados com a família no meio rural ainda é considerado simbólico, caracterizado como trabalho complementar ou como ajuda”.

A sociedade designa as tarefas das mulheres e as tarefas dos homens. No entanto, as mulheres desenvolvem inúmeras atividades durante o dia, como lavar, passar, plantar,

cuidar dos filhos ou netos, bordar, costurar, limpar, tirar leite, cuidar de doentes, estudar cozinhar, dirigir, amar, participar de reuniões e encontros, entre muitas outras coisas, enquanto isso, os homens desenvolvem apenas uma atividade. Mesmo assim, o trabalho da mulher é visto como ajuda, em muitos casos se diz que a mulher não faz nada, causando uma desvalorização do trabalho da mulher pelo fato apenas de ser mulher.

Como afirma Campos (2011), “A sociedade brasileira está assentada no latifúndio desde o início da colonização portuguesa no século XVI, sendo ele o causador da pobreza e da desigualdade no Brasil”, e as mulheres é que estão na frente da linha da pobreza, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. A autora reforça que a intensificação da pobreza e da exclusão social em decorrência das políticas neoliberais a partir de 1990, quando elas passam a ser implementadas no Brasil, essas políticas promoveram desemprego.

Como enfrentamento à pobreza e à desigualdade, as mulheres usavam sua capacidade de encontrar alternativas para sanar a fome dentro dos lares, usando plantas do quintal ou até mesmo hortaliças e frutas. A seguir, apresentamos a sistematização dos encontros realizados com as mulheres e que deram origem ao documentário.

3. SISTEMATIZAÇÃO DOS ENCONTROS REALIZADOS COM AS MULHERES CAMPONESAS COM A TEMÁTICA “IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE”

Para realizar a pesquisa, foram escolhidos os assentamentos em Ourolândia, que são: Lagoa de Dentro, Santa Luzia e Vila Nova. E em Jacobina: ocupação Pilões, e os assentamentos Corte Grande, Alagoinhas e Mucunã I e Nova Várzea do Curral. As mulheres que fazem parte da pesquisa fizeram parte da luta pela terra desde o início e vivem na área até os dias de hoje. Tiveram seus filhos ainda quando era acampamento, hoje já têm netos e bisnetos. Mulheres fortes que lutaram junto aos seus companheiros e que juntos conquistaram o sonho de ter sua própria terra.

A metodologia foi a partir da abordagem qualitativa, da pesquisa-ação baseado em Thiollent (1994, p. 14) que afirma que a pesquisa-ação:

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma fração ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Realizamos visitas nas comunidades com duração de dois a três dias em que estive acompanhando as mulheres em suas atividades diárias. Então realizei rodas de conversas onde estivemos dialogando sobre as suas ancestrais, os seus saberes, desenvolvendo os seus conhecimentos através de suas receitas.

3.1 O primeiro Encontro com objetivo da pesquisa

No mês de maio, foram realizadas as primeiras visitas às comunidades junto com outras companheiras que convidei para estar indo comigo realizar as rodas de conversas. A data foi marcada uma semana antes com o coordenador de cada área que me ajudou na mobilização dessas mulheres. As visitas foram realizadas no dia 20 de maio no assentamento Corte Grande e ocupação de Pilões, em Jacobina, sendo que pela manhã ficamos em Pilões e à tarde no Corte Grande.

Figura 5: Ocupação Pilões



Fonte: acervo da autora, 2023

Figura 6: Assentamento Corte Grande



Fonte: acervo da autora, 2023.

No dia 21 de maio, realizamos uma roda de conversa com as mulheres do assentamento Mucunã I. E no dia 22, realizei uma roda de conversa com as mulheres do assentamento Lagoa de Dentro.

Figura 7: Assentamento Mucunã



Fonte: acervo da autora, 2023.

Figura 8: Assentamento Lagoa de Dentro



Fonte: acervo da autora, 2023.

Figura 9: Assentamento Nova Várzea do Curral



Fonte: acervo da autora, 2023.

Figura 10: Assentamento Alagoinhas



Fonte: acervo da autora, 2023.

As rodas de conversa foram realizadas para apresentar a pesquisa para as mulheres das comunidades. Foi preparado um roteiro para esse primeiro encontro onde foi abordado a temática *Identidade e Ancestralidade*, em uma metodologia desenvolvida juntamente com companheiras da Comissão Pastoral da Terra (CPT). A seguir, apresentamos o roteiro de cada encontro, com o tema de cada encontro, a metodologia, seus objetivos específicos, bem como os passos planejados para cada ação das oficinas.

1° Encontro

TEMA: IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE

Metodologia

O encontro foi realizado no Assentamento Alagoinhas que fica localizado no município de Jacobina-BA. Durante as rodas de conversa, foi feito o convite para as mulheres participarem de um encontro onde todas estavam convidadas, com a ajuda da coordenação do Movimento CETA da Sub-Regional Jacobina e Ourolândia. As mulheres foram mobilizadas nas sete áreas. O encontro aconteceu no dia 17 de julho de 2022. Um transporte foi locado para levar as mulheres do município de Ourolândia para Jacobina. A alimentação foi doada pelos Assentamentos. Ao realizar a primeira visita em cada comunidade, ressaltamos que pretendia realizar 03 encontros com as mulheres e entrevistas junto com dias de vivência nas comunidades, sendo que esses dias seriam para a pesquisa exclusivamente. E assim, os coordenadores das áreas, ao saber da pesquisa, se colocaram à disposição para contribuir junto com as Associações na alimentação pois as áreas têm um grande potencial produtivo.

Objetivos

Os objetivos do encontro foram realizar um momento de apresentação da pesquisa, bem como os objetivos da pesquisa e proporcionar uma aproximação maior com as mulheres fora da comunidade onde residem, trazer o resgate da ancestralidade a partir das ervas e das suas ancestrais.

Público

As Mulheres Camponesas da Reforma Agrária da Sub-Regional Jacobina e Ourolândia. Os homens foram convidados para fazer a alimentação e ser Cirandeiros, pois alguns deles já tiveram formação para Cirandeiros durante o projeto Pró Semiárido.

Acolhida

Foram dadas as boas-vindas, apresentados o tema e o objetivo do encontro. Motivar que as participantes se abracem, um canto foi feito durante o momento.

Dinâmica

Passo 1. Colocar o desenho da árvore em um local que todas possam visualizar. Com qual parte da árvore você se identifica? Por quê? Qual árvore identifica a comunidade?

Passo 2. Distribuir uma tarjeta, uma folha e um fruto para cada participante. Na tarjeta deverá escrever o nome de uma mulher que marcou ou marca sua história, na folha escrever o próprio nome e uma qualidade (característica boa), no fruto, um sonho.

No momento de escrever e refletir, colocar uma música “Me fala de você” de Zé Vicente, ou “Mulher”, de Elba Ramalho.

Passo 3. Animar as mulheres para socializar sendo esse o meu papel junto com as colegas que estavam na organização comigo.

Primeiro, cada participante deverá apresentar as mulheres raízes (mais antigas) da comunidade. As raízes são o sustento da árvore e influenciam na capacidade de crescimento, na formação da planta, assim também são as matriarcas da comunidade: as mulheres mais velhas, as bisavós, avós, mães, parteiras, benzedeiras, madrinhas, comadres, religiosas... de ontem e de hoje. Os nomes devem ser colocados nas raízes da árvore do painel.

Depois, é o momento de as participantes socializarem o nome e os sonhos colocados na copa da árvore.

Reflexão: A árvore foi o objeto central da atividade, sendo que cada uma teve de se identificar com uma árvore. A árvore é um símbolo antigo de crescimento e desenvolvimento, que pode representar o corpo humano em suas horizontalidades e verticalidades e também o inconsciente em seus aspectos vegetativos. Muita coisa que vivemos hoje são repetições de processos vividos por mulheres que vieram antes de nós, são reflexões de nossa formação/educação na família e na sociedade. A árvore nos remete a um crescimento para cima, para baixo e para os lados. Nos faz lembrar os processos da vida, as adaptações e as mudanças. As raízes nos remetem à nossa ligação com a terra e com nossas ancestrais, nossas matriarcas (ZIMMERMANN, 2011).

Após a reflexão, as mulheres foram convidadas a formarem um círculo e uma colaboradora cantou a canção “Povoada” de Sued Nunes. Todas seguiram um ritmo se balançando de um lado para o outro.

Após esse momento, aconteceu o almoço.

Segunda parte do encontro:

Foi passado o filme Curta-metragem “Vida Maria”, dirigido por Márcio Ramos e produzido pelo Governo do Estado do Ceará.

Reflexão: trabalho em grupo de 15 minutos.

As perguntas para que eles possam discutir em grupo foram: Quantas Marias vocês conhecem? Em algum momento você já foi Maria?

Canto: “Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher...” (Sem Medo de Ser Mulher – Zé Pinto)

Avaliação do encontro: O que foi bom? O que precisa melhorar? Sugestões?

Neste encontro, tivemos o momento de acolhida, dinâmica, músicas e momentos de reflexões, poesias e muitos relatos de saberes e fazeres, e um levantamento de espécies medicinais que as mulheres cultivam em seus quintais. Porém, acredito que se tenham esquecido algumas espécies, pois o tempo não foi suficiente para podermos dialogar mais. Quero ressaltar que o convite foi feito para todas as mulheres e que em uma dessas comunidades, uma das mulheres que foi convidada pelo coordenador da área chegou no local da atividade acompanhada pelo seu companheiro, que participou da atividade do começo até o final, mesmo sabendo que era apenas com as mulheres. Ele não interferiu na atividade, porém ela pouco se expressou.

Os objetos utilizados para preparar o ambiente trouxeram muitas lembranças: o ferro de gomar na brasa, a panela de barro, o pilão, a moringa, a esteira de palha e a bolsa, estes objetos fizeram um regate de memórias a elas. Todas puderam falar um pouco de suas avós e mães e delas mesmas. Este foi apenas um momento de muitos que estão por vir, mas um momento riquíssimo de muita troca de conhecimento e partilha de saberes relatos de fatos que aconteceram ao longo de suas vidas. Outras temáticas serão abordadas no decorrer da pesquisa, no entanto este foi o momento inicial.

Os cuidados e saberes têm suas diversas formas de serem feitos e desenvolvidos, como mostra a tabela abaixo com várias espécies medicinais que foram citadas por essas mulheres que têm entre 45 e 76 anos de idade. Elas citaram as ervas que cultivam em seus quintais e roçados, as partes e para que elas usam e tudo foi organizado em planilha. Todas têm o dom de cuidar e proteger a terra, as plantas, os animais e, principalmente, os seus entes queridos através desses saberes tradicionais.

3.2 Espécies levantadas nos quintais e roças das mulheres

	Espécie medicinal	Nome científico	Indicação de uso	Partes utilizadas	Formas de uso
1.	Almendoeira	<i>Prunusdulcis</i>	Para inflamação nos rins	Folhas	Chá.
2.	Alcanfor	<i>Artemisia Camphorata Vill</i>	Serve para acalmar, dor, gases presas e comida que faz mal e é anti-inflamatória.	Folhas	Chá, Óleo.
3.	Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Tempero, estimulante, tosse, gases intestinais.	Folhas	Folhas in natura, chá e lambedor.
4.	Alfavaca	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Cansaço, tosse, gripe, tempero, leishmaniose.	Folhas e caule	Chá e o pó (torrar e colocar em cima da ferida)
5.	Algodoeiro	<i>Gossypium herbaceum</i>	Para dor no peito, pancada, anti-inflamatório, gripe, dor no pé da barriga, corrimento.	Folhas	Sumo, banho e chá.
6.	Anador	<i>Justicia pectoralis</i>	Dores em geral	Planta inteira	Chá e sumo.
7.	Aluman	<i>Vernonia condensata</i>	Dor de barriga, infecção intestinal, barriga inchada, disenteria, indigestão, para intestino, lavar os cabelos para caspa.	Folhas	Sumo, chá e banho.
8.	Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Mal olhado	Folhas	Banho e chá.
9.	Acerola	<i>Malpighia punicefolia L.</i>	Gripe	Frutos e folhas	Xarope, suco.
10.	Agrião	<i>Sisymbrium nasturtium</i>	Gripe	Folhas	In natura, chá e lambedor.
11.	Aroeira	<i>Schinustere benthifolius</i>	Banho para ferida externa e irritação da pele, uretra solta, anti-inflamatório, boca machucada, febre, vento caído.	Folhas, casca e entrecasca	Banho, pó, tintura.
12.	Abobora	<i>Curcubita pepo L.</i>	Para dor de ouvido.	Flor	Líquido extraído da flor.
13.	Abacate	<i>Persea americana Mill.</i>	Rins.	Frutos e folhas	Chá, in natura.

14.	Alface	<i>Lactuca sativa</i>	Usado comocalmante	Raiz e folhas.	Chá.
15.	Aranto	<i>Kalanchoeda igremontiana</i>	Para inflamações e doenças infecciosas, diarreia, febres, tosses e na cicatrização de ferimentos e combate as células do câncer.	Folhas.	Chá.
16.	Alho	<i>Alium sativum L.</i>	Tosse, verme	Raízes	Chá e lambedor.
17.	Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Dor de barriga, indigestão	Folhas e caule	Chá e tintura.
18.	Brilhantina	<i>Pileami crophylla</i>	Para dor de barriga, febre.	Folhas e caule.	Chá.
19.	Babosa	<i>Aloe vera</i>	Anti-inflamatório, cicatrizante, hidratação de cabelos, anticaspa.	Baba das folhas e miolo.	Pomada, baba, pílula, pedaços do miolo, chá da raiz.
20.	Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Calmante, com limão para gripe, pressão alta	Folhas	Chá e tintura.
21.	Coco	<i>Cocos nucifera</i>	Hidratar em casos de diarreia, na alimentação e como cosmético.	Água, leite e polpa.	A água para hidratar, a polpa na culinária e alimentação.
22.	Calêndula	<i>Calendula officinalis</i>	Calmante, cólica menstrual, fumo	Flor	Chá, garrafada, banho de assento.
23.	Caju	<i>Anacardium occidentale</i>	Anti-inflamatório, diurético, banho, cicatrizante, adstringente	Casca e entrecasca, fruto.	Pó da casca, tintura da entrecasca e suco da fruta.
24.	Chuchu	<i>Sechium edule</i>	Pressão alta	Fruto	Água.
25.	Cidreira	<i>Lippia sp.</i>	Limpeza de estômago, digestiva, calmante, pressão alta, dor de barriga, diarreia.	Folhas, flores e caule	Chá, sumo, tintura e xarope.
26.	Couve	<i>Brassica oleracea</i>	Anti-inflamatório	Folhas	Sumo e chá.
27.	Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Enxaqueca, calmante, gripe, cólica menstrual, gases	Folhas, flores e sementes	Chá.
28.	Fedegoso	<i>Cassia occidentalis</i>	Dor de cabeça, febre.	Folhas e sementes	Garrafada, banho.
29.	Folha santa	<i>Citrosma guianensis Tul.</i>	Indigestão ou dor de estômago, tendo também efeito anti-inflamatório, cicatrizante.	Folhas.	Garrafada, chá.
30.	Goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	Diarreia.	Folhas	Chá e suco.

31.	Graviola	<i>Annonam uricata</i>	Regulador de pressão alta e anti-inflamatório.	Folhas	Chá.
32.	Hortelã miúdo	<i>Mentha x villosa</i>	Resfriado, tosse, gases, dor de barriga	Planta inteira	Suco e chá.
33.	Hortelã graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Dor de barriga, gripe, culinária.	Folhas	Xarope, chá e tempero.
34.	Imburana de cheiro	<i>Amburana cearenses</i>	Azia, má digestão.	Sementes, casca e entrecasca	Chá.
35.	Jurema preta	<i>Mimosa hostilis</i>	Para ferimentos, anti-inflamatório e cicatrizante	Casca	Banho, tintura, pó da casca.
36.	Laranjeira	<i>Citrus X sinensis</i>	Insônia e combate a dores menstruais, para gripe.	Flor, folhas e cascas.	Chá, xarope.
37.	Limoeiro	<i>Citrus x limon</i>	Para digestão e gripe e também usado na culinária.	Folhas e frutos	Chá, e in natura.
38.	Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	Anti-inflamatório, vermífugo, serve para o fígado e usado para diminuir febre.	Folhas	Chá.
39.	Malva-branca	<i>Malva-almiscarada</i>	Infecções, catarro, dor de garganta, rouquidão, gastrite, irritação dos olhos, tosse e picada de insetos, feridas.	Folhas e flores	Banho, chá, tintura e cataplasma.
40.	Melancia-da-praia	<i>Solanum capsicoides</i>	Tratamento de tuberculose, gripes fortes.	Fruto	Lambedor e xarope.
41.	Macela-galega	<i>Egletes viscosa</i>	Calmante e má indigestão.	Folhas	Chá.
42.	Mamona	<i>Ricinus communis</i>	Laxante, serve para tratar vermes.	Sementes	Óleo
43.	Manjeriço-roxo	<i>Ocimum pupuraceus</i>	Gripe, resfriados.	Folhas	Xarope, lambedor e tempero.
44.	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>	Dor de barriga, cicatrizante, anti-inflamatório, inflamação uterina	Folhas e sementes	Banho, sumo e chá.
45.	Mamão	<i>Carica papaya</i>	Serve para ressecamento e anti-inflamatório	Fruto	In natura, vitamina.
46.	Mangueira	<i>Mangifera indica</i>	regular a pressão arterial, problemas de garganta.	Folhas	Chá.

47.	Maracujá	<i>Passiflora cincinnata</i>	Usado para reduzir a pressão alta e como calmante natural.	Fruto, casca e flor.	Suco e chá.
48.	Moringa	<i>Moringa oleifera</i>	Reduz a anemia, reduz o colesterol e os níveis de glicose.	Folhas	Chá.
49.	Meracilina	<i>Pedilanthus thymaloides</i>	Usado no tratamento de infecções.	Folhas	Chá e tintura.
50.	Noni	<i>Morinda citrifolia</i>	Usado na prevenção do câncer, diabetes e para emagrecer.	Fruta.	Suco.
51.	Neem	<i>Azadirachta indica</i>	Repelente	Folhas	Calda.
52.	Novalgina	<i>Alternanthera adenata</i>	Dores em geral, febre	Folhas	Chá e tintura.
53.	Pau-de-rato	<i>Caesalpinia pyramidalis Tul.</i>	Usado em infecções, diarreia, mal-estar estomacal e disenterias.	Folhas, flores e cascas.	Chá, pó, tintura.
54.	Piçãopreto	<i>Bidens pilosa</i>	Infecção urinária, inflamação de colo uterino, anti-inflamatório	Planta inteira.	Chá.
55.	Pau-ferro	<i>Arauca brasiliensis</i>	imunidade baixa	Casca e entrecasca	Xarope e lambedor.
56.	Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>	Febre, gripe, tosse.	Folhas e frutos.	Xarope, banho e chá.
57.	Pinha	<i>Fruta-pinha</i>	Para dor de barriga e matar a força dos dentes.	Folhas.	Chá.
58.	Pimenta	<i>Capsicum frutescens</i>	Anti-inflamatório, estimular a digestão e aumentar a libido.	Folhas e fruto.	In natura, cataplasma.
59.	Peão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia L.</i>	Cicatrizante	Folhas e leite	Banho, leite.
60.	Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Gripe	Folhas	Banho e chá.
61.	Pega-pinto	<i>Boerhavia</i>	Usado para infecção urinária	Raiz	Chá.
62.	Romã	<i>Punica granatum L.</i>	Garganta inflamada, dor no peito, gripe, tosse.	Frutos	Chá, lambedor, garrafada e in natura.
63.	Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>	Usada para anemia, pedra nos rins, infecção urinária, para emagrecer.	Folhas e raiz.	Tempero, chá.
64.	Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i>	Gripe, sarampo, catapora.	Folhas e flores.	Banho, chá.
65.	Seriguela	<i>Spondias purpurea</i>	Pressão alta, dor de barriga	Folhas	Chá.

66.	Trançagem	<i>Plantago major</i>	Dores, anti-inflamatório, infecção, limpeza de intestino.	Folhas	Chá, sumo.
67.	Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i>	Inflamação	Folhas	Chá, cataplasma.
68.	Urucu	<i>Bixa Orellana</i>	Auxilia na cura de fraturas.	Sementes	Chá.
69.	Vassourinha	<i>Scopariadulcis L.</i>	Para mal olhado de bebês.	Planta inteira.	Xarope, banho.

A riqueza dos saberes das mulheres é imensa, cada uma com seu conhecimento com suas receitas, porém invisíveis aos olhos da sociedade machista que não valoriza a riqueza de conhecimento que as mulheres carregam como o trabalho desenvolvido por elas. O primeiro momento foi muito rico, porém o tempo muito pouco para ouvi-las e conhecer melhor as suas rotinas acompanhá-las nos seus afazeres. Então, apresentei para elas a minha proposta de trabalho, que foi aceita. Elas gostaram muito da proposta, citei que precisarei ir outras vezes para podermos conversar mais sobre as ancestrais, as ervas medicinais, as rezas. Acredito que este encontro foi suficiente para dar início à minha caminhada na pesquisa junto a elas.

Número de participantes:

Ocupação Pilões - 2

Assentamento Alagoinhas – 16

Assentamento Lagoa de Dentro – 18

Assentamento Corte Grande - 6

Assentamento Santa Luzia – 14

Assentamento Mucunã I - 3

Total de mulheres entre 18 e 78 anos: 59

Crianças – 22

Homens – 11

2º Encontro de Mulheres

TEMA: 2º Identidade e Ancestralidade

Metodologia

O encontro foi marcado através de redes sociais (grupos de WhatsApp). A metodologia foi desenvolvida com a ajuda de uma companheira da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que também deu a sua contribuição no decorrer do encontro. Aconteceu no Assentamento Santa Luzia, no dia 16 de outubro de 2022. O transporte foi garantido para pegar as mulheres nos assentamentos e levá-las até o local do encontro. A alimentação foi contribuição das áreas, onde a proposta foi colocada no encontro das áreas da Sub-Regional Jacobina e Orolândia pela coordenação, a proposta foi aceita, e a divisão dos alimentos foi feita por mim a partir da quantidade de mulheres que garantiram presença. O ambiente foi ornamentado com objetos e símbolos que remetem ao passado, mas também em consonância com o presente (água, terra, plantas medicinais).

Motivação do Encontro para as mulheres e a continuação da conversa sobre nossas histórias de vida, as identidades construídas, as heranças de nossos antepassados.

Apresentação:

Em uma grande roda, cada uma diz seu nome, lugar e uma frase (não pode esquecer a frase dita). Depois que todas se apresentam, a coordenadora do encontro diz que todas agora vão repetir a frase, porém antes de dizer a frase: “debaixo da saia da minha avó”, e acrescenta a sua frase (é uma forma de quebrar o gelo). Em seguida, todas se abraçam na grande roda para cantar e dançar “escravas de jô, jogavam caxangá...”.

Mística:

Canto “Maria, Maria”, de Milton Nascimento; leitura bíblica de juízes 4,1-9; refletir o poder e o papel da mulher naquela época.

Canto após este momento “Ô de casa, ô de fora, maria vai ver quem é ...”

Introdução ao tema: O que é identidade e ancestralidade e como elas se dão nas relações de gênero?

Três textos foram distribuídos para três participantes fazerem a leitura.

Leitura 1. Identidade cultural

Leitura 2. Identidade social

Leitura 3. Ancestralidade

Após as leituras, fizemos a dinâmica da teia de aranha, em que ficamos todas em um círculo com um rolo de barbante. A ponta foi amarrada no meu dedo, e falei um

costume familiar do passado, podendo ser também uma lição. Em seguida, joguei para outra mulher e assim fomos sendo ligadas uma à outra formando uma teia. A partir da última que ficou com o novelo na mão, falou uma diferença dos costumes de hoje para os que herdou do passado e devolvendo o novelo para quem lhe repassou e assim a teia foi sendo desfeita.

Em seguida, foi aberta a discursão sobre as palavras que foram ditas na dinâmica, e o que elas têm a ver com o tema. Após esse momento, tivemos o lanche e seguimos com atividade em grupo, sendo eles divididos com figuras de objetos masculinos e femininos – “bola, panela, boneca etc.

O artigo utilizado como apoio foi *A identidade da mulher do século XXI*, de Antonia Angelina Basanella Utzig. Após a leitura e discursão em grupo, tivemos o almoço e, ao retornar, abriu para socialização das discussões de cada grupo.

Após esse momento, foi feita a leitura do poema de Cora Coralina *O Cântico da Terra*. Para encerrar, cantamos a música *Cansei de ser domesticada*, de Eulapaula Martins, Maria Monte e Marli Fagundes.

Número de participantes:

Ocupação Pilões - 3

Assentamento Alagoinhas – 13

Assentamento Lagoa de Dentro – 11

Assentamento Corte Grande - 5

Assentamento Santa Luzia – 22

Assentamento Mucunã I - 2

Total de mulheres entre 18 e 78 anos: 56

Crianças – 18

Homens – 6

O encontro foi marcado com momentos de muitas lembranças, com troca de momentos vividos depoimentos marcantes e relatos de saberes que não se apagaram com o tempo e que vêm sendo praticados repassados ao longo dos anos. A partir deste encontro, foram marcadas as visitas individuais às matriarcas dos assentamentos, sendo elas indicadas pelas participantes.

4. DOCUMENTÁRIO “ANCIÃS DO CETA E SEUS SABERES TRADICIONAIS”

O documentário desenvolvido para ser apresentado como produto do Mestrado Profissional em Educação do Campo, foi pensado desde o início do curso. Após a qualificação, a ideia foi reforçada pela banca avaliadora. Assim, após as pesquisas relacionadas ao tema mulheres mais velhas e saberes tradicionais, encontros e visitas foram feitos nos assentamentos com o intuito de amadurecer a ideia do documentário. Durante este período de encontros com as mulheres, algumas dificuldades foram encontradas, pois algumas só podiam participar das atividades acompanhadas do companheiro causando um certo incômodo nas demais mulheres que durante as rodas de conversas não conseguiam se expressar durante suas falas.

Após as atividades desenvolvidas nas comunidades para preparar as mulheres para as filmagens, foi desenhado o roteiro do documentário com as perguntas a serem feitas às mulheres, apresentado a um profissional da área que aceitou fazer o documentário. Logo em seguida, foram enviadas as datas e horários para as mulheres que iriam participar da filmagem.

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO			
MUNICÍPIO	ASSENTAMENTO	ENTREVISTADA	HORÁRIO/DATA
Ourolândia	Lagoa de Dentro	Reinilde de Jesus	30/05/2023 - 9:00
Ourolândia	Santa Luzia	Maria Minervina de Jesus	30/05/2023 -13:00
Ourolândia	Santa Luzia	Janicleide de Jesus Silva	30/05/2023 - 14:00
Ourolândia	Vila Nova	Maria Antonia Santos Silva	31/05/2023- 17:00
Jacobina	Alagoinhas Agrovila Barreiros	Reinilda Sousa da Silva	31/05/2023- 09:00
Jacobina	Corte Grande	Matildes Senhorinha de Lima Reis	31/05/2023- 11:00
Jacobina	Mucunã I	Maria Conceição de Jesus	31/05/2023- 14:00
Jacobina	Ocupação Pilões	Maria Nilda dos Anjos Nascimento	01/06/2023- 10:00

Após a preparação do roteiro, deram-se início às atividades de campo, onde estivemos nas áreas de assentamentos do município Ouroândia e Jacobina. O local onde cada uma sentou para fazer a gravação foi escolhido pelo responsável pela gravação. As perguntas foram feitas por mim, no entanto, em alguns momentos, era livre para elas falarem os seus saberes. As gravações tiveram um total de 7 horas e 42 minutos e, após a edição, ficou com 17 minutos e 45 segundos. A forma de divulgação deste trabalho será através da página do PPGEducampo – UFRB no Youtube, pois o acesso é mais fácil para compartilhamento devido ao tamanho do arquivo. Além disso, também será apresentado nas comunidades onde foram feitas os trabalhos e compartilhado com os demais membros da coordenação do movimento CETA, tendo a possibilidade de uma apresentação no Colégio Estadual Adélia Souto, no município de Ouroândia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado até então e das vistas nos assentamentos foi possível observar e compreender que os saberes ancestrais das mulheres mais velhas do Movimento CETA são fundamentais para a existência da própria história do Movimento. Assim, consideramos que este trabalho será importante para dar visibilidade a estas mulheres pois não há nada escrito até o momento sobre as mulheres da Sub-Regional Jacobina. Este trará uma análise mais profunda da participação delas na luta pela terra e trará os seus saberes e fazeres, com o aprofundamento sobre o cultivo das ervas medicinais, que nos leva a refletir sobre a importância do desenvolvimento de políticas públicas que fortaleçam os recursos necessários para que o saber ancestral e as práticas desenvolvidas no cotidiano da mulher camponesa sejam visibilizadas e valorizadas.

É importante destacar a importância do movimento CETA, que possibilita processos organizativos, de resistência e de luta pelas estruturas para além da terra e, dentro de suas capacidades, tem tentado mudar esse quadro de desigualdade de gênero que ainda é muito presente dentro das suas áreas.

Portanto, não há de se pensar em políticas públicas destinadas a áreas de assentamento que não prevejam ações específicas para as mulheres. Ao contrário, é preciso que o Estado e suas estruturas, cada vez mais, reconheçam a importância do papel delas nas comunidades, dando-lhes voz e oportunidade, para que, assim, a comunidade também venha a reconhecê-las enquanto detentoras de tantos conhecimentos. Esperamos que a partir da pesquisa, principalmente com a veiculação do documentário, o conhecimento das mulheres anciãs do CETA sirva, também, de base para a formação dos povos da Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

BADKE, Marcio Rossato *et al.* Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 21, p. 363-370, 2012.

BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (orgs.). **Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011.

BRASIL, Cristina Índio do. Analfabetismo no Brasil cai entre 2006 e 2018 de 72 para 68. **Agência Brasil**, 19/06/2019. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-06/analfabetismo-no-brasil-cai-entre-2016-e-2018-de-72-para-68>. Acesso em: jul. 2022.

CARDOSO, Elisabeth *et al.* **Guia metodológico da caderneta agroecológica**. Recife: FIDA, 2019. Disponível em: <http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Guia-de-uso.pdf>, Acesso em: 15 dez. 2021.

CATTELAN, Renata; MORAES, Marcelo Lopes de; ROSSONI, Roger Alexandre. **A reforma agrária dos ciclos políticos do Brasil (1995-2019)**. Disponível em: <file:///C:/Users/agr/Downloads/6907-Texto%20do%20Artigo-29652-29487-10-20200908.pdf>. Acesso em: jun. 2023.

CHAUÍ, Marilena. A sociedade democrática. In: MOLINA, Mônica Castanha; SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo; TOURINHO NETO, Fernando da Costa (org.) **Introdução crítica ao direito agrário**. Brasília: Editora UnB, 2003. p. 332-340.

DE ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. Editora Unesp, 2022.

KREMER, Adriana. **Menos uma coisa no lugar: as comunidades rurais e o fechamento de suas escolas**. Disponível em: <[HTTP://anped.org.br/reunioes/30ra/postar/GT06-3147-Int.pdf](http://anped.org.br/reunioes/30ra/postar/GT06-3147-Int.pdf)>. Acesso em: jul. 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. **Estudos feministas**. Florianópolis. Setembro-dezembro/2014.

MESQUITA, Gabriella Riad Iskandar. **Aspectos de gênero no meio rural**. Revisão Literária. Goiânia, 2012.

Movimento CETA. **Construindo Educação Contextualizada do Campo**, Comissão de educação - regional Bomfim / Jacobina – BA. Senhor do Bomfim, 2007.

OLIVEIRA, Djacira. **O protagonismo das mulheres nas lutas e movimentos sociais do campo. Assentamentos Rurais no Nordeste: estudos realizados na Bahia e em Sergipe**. Salvador: Editora FIB, 2007.

SANTOS, Tiago Rodrigues. “**CETA: nossa luta é justa e certa!**”. Salvador, 2010.

SILVA, Milanya Ribeiro da. **TECENDO REDES e SONHOS: Um estudo sobre Protagonismo Feminino no Semiárido**. Universidade Federal do Cariri, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sustentável. Mestrado em Desenvolvimento Regional e Sustentável. Juazeiro do Norte, 2015.

TAVARES, Joselita; COSTA, Josineide; FAGUNDES, Marli (orgs.). **Diversidade produtiva**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

TELLES, L. *et al.* Cadernetas agroecológicas e a contribuição econômica das agricultoras agroecológicas no Brasil. In: ZULUAGA, G. S. *et al.* (coord.). **Agroecología en femenino: reflexiones a partir de nuestras experiencias**. La Paz: SOCLA; CLACSO, 2018. p. 141-157.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6^a ed. São Paulo: Cortez, 1994.

ZIMMERMANN, Elisabeth. **Corpo e individuação**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: vozes 2011.